

EXORCISMOS  
(1972)

## AVISO DE PORTA DE LIVRARIA

**Tatiana Pequeno\***

“Aviso de porta de livraria” é o poema que abre *Exorcismos*, o décimo livro de Jorge de Sena, publicado em 1972. Funciona – como todo aviso – como um tipo de advertência a algum leitor desavisado sobre o caráter politicamente combativo da obra seniana que, a despeito de seu lugar de testemunho, permite pensar a poesia como atividade revolucionária. Seguindo a lógica do prefácio do mesmo livro, Sena insiste na ideia de que na sua poesia deve residir também a tarefa de dizer a realidade e a referencialidade das coisas e do mundo “sem medo das palavras”, já que o primeiro verso – “Não leiam delicados este livro” – anuncia a recomendação de que *Exorcismos* só possa ser lido por aqueles que não temem a linguagem como lugar de confronto.

É neste sentido que Sena recupera a semântica da delicadeza como algo contra o que (sua) poesia contemporânea deva se posicionar, na medida em que a abstração, ou a tangência aproximada das temáticas mais espinhosas, foi uma forma de fazer poesia a partir da história portuguesa e de suas instituições, conduzida por uma avidez pelo poder que resultou em mortes, perseguições, censuras e torturas. Procedimentos autoritários e violentos que se mostraram não só no contexto dos tribunais do Santo Ofício como também no contexto da produção da poesia de nosso autor, a saber, o salazarismo, que, obviamente, constituiu-se como regime autoritário. Assim, a alegação de Barthes em sua aula inaugural do *Collège de France*, de que a língua é fascista porque obriga a dizer a partir de variados rigores gramaticais normativos, pode nos auxiliar a compreender mais a primeira parte do poema, cuja advertência propõe reconsiderar os representantes do “palavrão doméstico” e dos representantes de qualquer purismo ou hesitação diante da palavra. É porque o fascismo obrigava a dizer de um modo “delicado” ou de

modo anódino (uma espécie de não-dizer pois se assemelhava a um silêncio hermético) para que os emissores – artistas, escritores, poetas – não tivessem suas intenções de confronto identificadas ou evidenciadas, uma vez que o regime não admitia ser contestado. Importante, neste caso, pontuar também que a clareza exigida por Sena de seus contemporâneos também fosse complexa, considerando que nosso poeta publicava em Portugal mas na condição de exilado, enquanto diversos outros escritores que mantiveram domicílio no país foram verdadeiramente perseguidos, ameaçados e agredidos.

O poema é, com efeito, atravessado por uma espécie de impossibilidade da delicadeza, e dizemos “espécie” porque a poesia de Sena também opera por diversos sentidos e imagens delicados ou, do contrário, que jovem teria sido tocado pela catedral submersa de Debussy, quem teria observado com tanto rigor o movimento do balanço de Fragonard? Que poeta colocaria em diálogo, num poema tão defenestrador, um Camões já cansado (do Canto X d’*Os Lusíadas*, especificamente) a falar de amor – e não do “prêmio vil” – já que é “De amor e de poesia e de ter pátria” que aqui se trata? Porque a poesia seniana deste contexto dos anos de 1970 já aponta para uma radicalidade que é a do próprio tempo demorado demais do fascismo, da guerra e, afinal, da própria liberdade de dizer e criar. Aliás, é o reconhecidíssimo Sigmund Freud que vai observar, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), que abrir mão das palavras, ou abrir mão de certas formas de dizer, é o caminho para a pior forma de impedimento, a autocensura, aquela que limita qualquer forma-outra de subjetivação ou manutenção mesmo da própria subjetividade, caminhos importantes para a constituição da alteridade.

“E quem de amor não sabe fuja dele” é a síntese que abre a segunda parte do aviso, indicando que o território amoroso deva ser o da liberdade que a ralé ameaça encher de ratos, metáfora provável para a contaminação política dos espaços “onde se morre em dignidade humana / a dor de haver nascido

em Portugal / sem mais remédio que trazê-lo n'alma". Porque nesta altura o país de Sena só pode ser compreendido a partir do lugar de exílio – do exilado Sena –, para quem, afastado, talvez possa olhar para uma parte de si impedida, ou impossibilitada, por forças que pararam Portugal no tempo. É também a isso que se refere o poeta no prefácio de *Exorcismos* ao pontuar que a função da poesia é também a de conjurar, esconjurar, como bem faz este primeiro poema do livro, de modo que sua advertência é para que quem adentre pela livraria de Sena, saiba que sua voz é a que nos canta/conta a sua arte de amar através das borras do império.

---

\* Professora de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ), onde desenvolve pesquisa sobre as relações entre corpo, gênero e sexualidades nas literaturas de língua portuguesa. É escritora, tendo publicado dois livros de poesia pela editora Oficinal Raquel: *réplica das urtigas* (2009) e *Aceno* (2014).